

# A noção estoica de sentido: um esboço acerca da lógica estoica a partir de *Lógica do Sentido* de Deleuze.

*Sarah Vívian Celestino Santos*<sup>1</sup>

## RESUMO

A filosofia estoica é fundamentada sobre os campos da física, ética e lógica. Mesmo que posteriormente a *Estoá* tenha se debruçado principalmente sobre a ética e que a tradição a remeta mais a uma arte de viver, para esta escola, a compreensão de sua cosmologia e filosofia geral passa necessariamente pela indissociabilidade dessa tríade. A ontologia estoica é materialista e monista, na qual somente existem corpos, mas a interação entre eles gera o que chamam de incorporais, a saber, o tempo, o lugar, o vazio e os exprimíveis. E estes últimos, os *lekta*, dizem respeito à uma descrição linguística dos fenômenos materiais, são a relação necessária à expressão dialógica da realidade e condição de possibilidade do acesso à verdade: são, em suma, a tradução de um não dialógico para o discurso. E o presente artigo pretende esboçar as relações proposicionais estudadas pela lógica estoica, mas, principalmente, esclarecer a questão do sentido. Sendo este, de acordo com Deleuze, a quarta dimensão de uma proposição e remete à entidade não existente, mas que subsiste na proposição; “aquilo que se diz do objeto”, o seu atributo, como chamado na lógica moderna.

## PALAVRAS-CHAVE

Estoicismo; Sentido; Deleuze; Lógica do Sentido.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: [sarahvivian24@gmail.com](mailto:sarahvivian24@gmail.com).  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1901191049618602>.

# The stoic notion of sense: a brief essay about the stoic logic in the *logic of sense* by Deleuze.

## ABSTRACT

Stoicism is rooted on the treble ground of physics, logic and ethics. Even though, undoubtedly, Stoics focused mainly on the latter throughout the movement's hindmost, roman phase – whilst its prior, hellenistic tradition is rather thought of as an art of living –, understanding all three above-mentioned disciplines as an organic whole is paramount so as to faithfully retrieve the school's cosmology and general philosophy. Now, Stoic ontology is altogether materialist and monist – according to its core tenets, there are but bodies, which mutual exchanges, somehow, happen to spawn the so-called incorporeals, that is, time, place, void, and sayables. These ones (*lekta*) pertain to the linguistic depiction of material phenomenons, and, as such, they take on the necessarily dialogical, expressive relation to reality, as well as they constitute a condition of possibility for accessing truth. All in all, they stand for a translation of something non-dialogical into a speech. If this article wishes to outline the propositionnal relations analyzed by Stoic logic, it does so, mainly, with the aim of enlightening the question of sense, in Deleuze's words its "aliquid", which refers to the non-existent entity that subsists through the proposition; or to the attribute, as per modern analytic logic.

## KEYWORDS

Stoicism; Sense; Deleuze; The Logic Of Sense.

O Estoicismo, escola fundada por Zenão de Cítio no século IV a. C. e se estende até o período helenístico, foi legado à posteridade como uma filosofia prática, uma arte de viver. Assim era, mas não se tratava de uma filosofia com doutrinas exclusivamente éticas: sustentava que para agir bem e alcançar a felicidade era necessário compreender e viver segundo o *lógos*. E para tanto deve-se ter conhecimentos relativos à ética, à física e à lógica. Destarte, essa tripartição da filosofia estoica fundamenta-se numa concepção cosmológica materialista e monista: na ontologia da Estoá, o cosmos é uma substância única constituída somente por corpos, que interagem entre si. No entanto, a ação dos corpos uns sobre os outros leva à subsistência ou à insistência de certos efeitos, os acontecimentos-sentidos ou os exprimíveis (*lekta*); e estes são o objeto da lógica estoica.

Os corpos são os únicos aos quais se atribui o estatuto de ser e, logo, de existência. Com esse pressuposto, o Estoicismo vai de encontro ao que sustenta a filosofia platônica: se somente corpos existem decorre daí a impossibilidade de qualquer determinação do mundo sensível por um mundo inteligível e, além disso, os corpos tornam-se o centro vital de sua própria atividade, o oposto de como é concebida a relação das Ideias e suas cópias sensíveis. Consequentemente, os corpos assumem também a função de *causas* materiais, uns para os outros de efeitos, estes sim incorporais.

A declaração de possibilidade de incorporais – o tempo, o lugar, o vazio e os *lekta* – poderia implicar uma contradição. Contudo, o Estoicismo concedeu a essas entidades somente uma subsistência ou insistência e não uma existência ontológico-material. Os *lekta* ou exprimíveis, por exemplo, só podem subsistir nas proposições enquanto entidades que exprimem acontecimentos, eles mesmos sendo o sentido das expressões nas quais insistem. O sentido (acontecimento ou exprimível) é, de acordo com Deleuze, a quarta dimensão da proposição, ao lado da designação, manifestação e significação, e um tipo de relação pertencente à linguagem e não ao mundo material, posto que neste só há corpos. E é justamente sobre a concepção estoica de sentido e alguma de suas implicações para esta filosofia, como a ligação entre o estudo da lógica e os campos da física e da ética, que esse artigo pretende se ater, a partir da obra *Lógica do Sentido* de Deleuze.

A possibilidade de experimentação existencial e da compreensão de si, uma vez que o Estoicismo se tornou, antes de tudo, uma filosofia prática, exige a compreensão do funcionamento do *lógos*. Tal entendimento se faz a partir da articulação entre as esferas física, ética e lógica, e, mesmo que essa articulação nem sempre tenha sido respeitada, essas ciências

eram consideradas virtudes<sup>2</sup> indissociavelmente ligadas: não se podia ter uma sem ter as outras. As diferentes virtudes são fundamentalmente instâncias da mesma atividade ou atitude racional em face de vários objetos, ou, como dizem os estoicos, em face de matérias diferentes. Eis por que Crisipo podia declarar que uma vida governada pelo conhecimento é uma vida em que sabemos e fazemos tudo perfeitamente, ideia que reaparece em Sêneca segundo a qual a teoria e a prática são inseparáveis. (ALGRA, 2006, p. 177)

A cosmologia estoica é baseada em uma ontologia monista, imanentista e materialista, que assume a existência de uma grande e única substância divina, constituída por uma infinidade de corpos. Isto é, o cosmos estoico é compreendido como um ser vivente e implica a identificação entre deus, matéria, natureza e o *lógos* – o princípio ativo governante – e, portanto, tudo o que existe *só existe enquanto corpo*. O estatuto de ser só é concedido aos corpos mesmos: ser é existir, e existir é *ser corpo*.

Os corpos agem, padecem e interagem, estabelecem relações e promovem tensões entre si: suas ações e paixões são resultados diretos da *mistura de corpos*. A interação gera modificações nos corpos que estão se relacionando. Entretanto, aqui se apresenta um paradoxo: para evitar a assunção da possibilidade de corpos gerarem novas propriedades uns nos outros, eles admitiam somente a mistura. Segundo Bréhier (2012, s/p), para os estoicos, ao interagirem entre si, os corpos *não gerariam* novas propriedades uns nos outros, mas atributos. As qualidades e as quantidades são reais, corpóreas, *coexistem com o corpo*; e, à medida em que constituem e fazem parte do corpo, são também seres. Enquanto o atributo é aquilo expresso pelo predicado da proposição e ligado ao sujeito da própria proposição: o atributo trata do acontecimento, é *aquilo que se diz da coisa* e não existe fora da proposição.

Uma vez que a proposição não exige mais a penetração recíproca de dois objetos impenetráveis por natureza, ela só expressa certo aspecto de um objeto, à medida que ele realiza ou sofre uma ação; esse aspecto não é uma natureza real, um ser que penetra o objeto, mas o ato que é resultado de sua atividade, ou da atividade de outro objeto sobre ele. O conteúdo da proposição, o que é significado por ela, não é, portanto, jamais um objeto, nem uma relação de objetos. (*ibid.*, s/p)

Isto é, o atributo é o expresso dito por meio do verbo e equivale ao processo, à mudança que o designado sofre ou à sua ação (DELEUZE, 2003, p. 21-23). Um exemplo dado por Bréhier (2012, s/p) afirma que quando o fogo entra em contato com o ferro não dá a este uma

---

<sup>2</sup> Por virtude, entende-se as ciências que não necessitam do apoio de postulados provenientes das demais ciências, isto é, são autossuficientes em seus princípios. “A física é uma espécie de virtude; e por ‘virtudes’ entendem eles essas ciências que não têm nenhum postulado, mas que dependem delas mesmas e contêm em si seus próprios princípios, bem como as provas que deles resultam.” (ESTRABÃO *apud* ALGRA, 2006, p. 187)

nova qualidade, mas penetra o ferro e passa a coexistir nele em todas as suas partes. Em outro exemplo, dado por Deleuze (2003, p. 22), é feita a distinção entre a qualidade real ‘verde’, que é própria e coexiste à árvore, e o atributo ‘verdejar’, que é uma relação na proposição: o ‘verdejar’ é um predicado ligado ao sujeito designante da árvore real e expressa o processo de ‘verdejamento’ da árvore.

Posto isto, apesar da existência ser esgotada pelos corpos, os primeiros estoicos consideraram alguns elementos incorpóreos, dos quais só se pode garantir uma subsistência ou insistência, “tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, *entidade não existente*.” (ibid., p. 5, grifo meu). Estes são, de acordo com Sexto Empírico (*apud* BRÉHIER, 2012, s/p): o lugar, o vazio, o tempo e os exprimíveis (*lekta*).

O lugar é uma percepção racional, e não sensível, da relação dos corpos em movimento; ou seja, subsiste a partir da posição dos corpos. Por sua vez, o vazio é considerado como contrário do corpóreo ou como ausência de corpo, além de ser concebido pelos estoicos como inexistente no mundo e exterior a ele.

Por sua vez, o tempo é a condição de possibilidade do devir dos corpos e é necessário para pensar o acontecimento; logo, a relação com a linguagem. O presente é a única extensão temporal dos corpos. Mas o passado e futuro são indispensáveis, uma vez que essas duas *leituras* do tempo<sup>3</sup> permitem a compreensão do todo do acontecimento: a dinamicidade e a mudança são o resultado da interação entre os corpos; e qualquer relação entre os corpóreos se dá em um momento presente, mas só resulta em algo se o tempo for em direção ao futuro. Enfim, o todo da relação, isto é, o acontecimento, só pode ser concebido se já pertencer em seu todo ao passado, posto que é *resultado* ou *efeito* do processo.

E, por fim, os *lekta* ou os exprimíveis. Os corpos são *causas uns para os outros* desses efeitos incorpóreos: o que age como causa é um corpo e o que sofre a ação também. Com essa concepção, o corpo e sua atividade não dependem mais da ação de um incorporeal sobre si: para a etiologia estoica, os incorpóreos assumem o estatuto de *efeitos* da interação entre os corpos. Desse modo, tudo o que acontece a um corpo é desencadeado por uma atividade vital intrínseca ou por sua interação com *outros corpos*. Com isto, os estoicos salvaguardam seu materialismo ao suprimirem todo nexos causal de um mundo inteligível sobre o mundo sensível, como sustenta a filosofia platônica. Como mostra Bréhier:

Para estes [Platão e Aristóteles], o problema era explicar o permanente nos seres,

---

<sup>3</sup> Para esse tema, conferir DELEUZE, G. “Vigésima Terceira Série: do Aion”. In: DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fontes. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

o estável, aquilo que poderia oferecer um ponto de apoio sólido ao pensamento por conceitos. [...] Mas outro ponto de vista consiste em considerar este ser por sua história e sua evolução, do seu surgimento até o seu desaparecimento. O ser será, então, considerado não como parte de uma unidade superior, mas como sendo a unidade e o centro de todas as partes que constituem sua substância e de todos os acontecimentos que constituem sua vida. Ele será o desdobramento no tempo e no espaço desta vida, com suas contínuas mudanças. (*ibid.*, s/p).

O que interessava a esta escola era o processo de mudança, o devir dos corpos, este que pode ser exposto pela linguagem ao expressar os acontecimentos-efeitos. E em vez de tipificarem as causalidades, como fez Aristóteles, dissociaram a relação causal em causa e efeito, como pontua Deleuze (2003, p. 7), e essa dissociação remeteria sempre à linguagem.

Destarte, a lógica ou dialética estoica pode ser caracterizada como proposicional, pois enfatiza as relações constituintes da proposição. A proposição ou expressão é considerada como um atributo completo, ou seja, um juízo no qual o verbo é ligado a um sujeito; e, em oposição, há um juízo incompleto: um verbo isolado. Neste caso, a ressalva será feita sobre o juízo “completo-por-si”<sup>4</sup>, em que é possível identificar quatro relações, chamadas na lógica moderna de: designação, manifestação, significação e sentido<sup>5</sup>.

A designação se refere aos nomes próprios e aos indicadores formais, tais como “este”, “aqui”, “agora” etc., que devem designar/indicar uma coisa ou um estado de coisas individual. Trata-se de uma “relação entre a proposição e um estado de coisas exteriores” (*ibid.*, p. 13). Tal indicador formal vazio pode ou não ser preenchido de acordo com a existência do estado de coisas, e, desta forma, pode ser verdadeiro ou falso. Enquanto, a manifestação é a relação proposicional na qual um sujeito enuncia desejos ou crenças, ou seja, trata-se de uma relação entre a proposição e o sujeito que se exprime. Por sua vez, a significação é uma relação de palavras com conceitos universais bem como de certa proposição com outras premissas maiores e antecedentes a ela que visam elucidar os conceitos envolvidos: é uma relação de implicação silogística (“implica” e “logo”).

Por fim, e mais relevante ao objetivo deste trabalho, o sentido – o exprimível. Esta entidade não existente da proposição, que se apresenta ao pensamento, não pode ser confundida com a palavra designante, posto que pode ocorrer que se ouça o som, que é corpóreo, e que se tenha a representação do objeto sem que necessariamente o sentido seja compreendido, como

---

<sup>4</sup> Para uma breve distinção entre juízo incompleto e completo-por-si, ver REALE, G. A Lógica do Antigo Pórtico. In: REALE, G. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo*. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2011. (História da filosofia grega e romana; v. 6), pp. 29-30.

<sup>5</sup> No caso da designação e do sentido, o vocabulário estoico denomina-os de “coisa significativa” e “significante”, respectivamente. Cf. Sexto Empírico *apud* Reale, 2011, p. 30.

é o caso de alguém frente a uma língua estrangeira. O sentido é o *aliquid*, esse “algo” subsistente na proposição e no pensamento, é *expresso* na proposição, mas não é a própria proposição (ou a expressão), e, sim, aquilo que se diz da coisa, o atributo:

[...] e neste sentido que é um ‘acontecimento’: *com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas*. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas. (*ibid.*, p. 23)<sup>6</sup>.

Como já foi citado, a lógica do Pórtico não enfatiza a permanência dos corpos e de suas essências: a matéria constituinte de sua dialética é a dinâmica a qual os corpos são submetidos, a sua mudança e evolução, ou seja, os acontecimentos são o objeto central do estudo lógico. Deleuze, em a *Lógica do Sentido*, identifica a permanência da Ideia platônica e da Substância aristotélica com os nomes fixos que “designam paradas e repousos, substantivos e adjetivos com os quais o [nome] próprio conserva uma relação constante.” (*ibid.*, p. 3), enquanto os acontecimentos, relevantes aos estudos estoicos, são expressos pelos verbos – que representariam a ação e o devir ilimitado.

O acontecimento remete à linguagem à medida que na realidade (o mundo material) há somente conjunção corpórea, a interação entre dois ou mais corpos. A dissociação da relação causal subsiste no pensamento, a separação entre causa (identificada com o ser-corpo) e efeito (acontecimento-sentido) é menos um postulado físico do que lógico; a relação de causalidade é somente pensada e não comprovada na ordem ontológica, posto que nessa só há mistura. Ao recusar à relação causa-efeito uma posição ontológico-material, o Estoicismo marca precisamente o seu materialismo: asseguram o estatuto da *existência* unicamente de corpos e a função destes enquanto *causas* uns para os outros de determinados efeitos. Assim, estes efeitos são remetidos inexoravelmente à linguagem, aos juízos nos quais subsistem como *sentido*:

Do lado da coisa, há as qualidades físicas e relações reais, constitutivas do estado de

---

<sup>6</sup> Deleuze, *Lógica do Sentido*, p. 22: “Consideremos o estatuto complexo do sentido ou do expresso. De um lado, não existe fora de sua expressão. Daí por que o sentido não pode ser dito existir, mas somente insistir ou subsistir. Mas, por outro lado, não se confunde de forma nenhuma com a proposição, ele tem uma ‘objetividade’ completamente distinta. O expresso não se parece de forma nenhuma com a expressão. O sentido se atribui, mas não é absolutamente atributo da proposição, é atributo da coisa ou do estado de coisas. O atributo da proposição é o predicado, por exemplo, um predicado qualitativo como verde. Ele se atribui ao sujeito da proposição. Mas o atributo da coisa é o verbo verdejar, por exemplo, ou antes, o acontecimento expresso por este verbo; ele se atribui à coisa designada pelo sujeito ou ao estado de coisas designado pela proposição em seu conjunto. Inversamente, este atributo lógico, por sua vez, não se confunde de forma alguma com o estado de coisas físico, nem com uma qualidade ou relação deste estado. O atributo não é um ser e não qualifica um ser; é um extra-ser. Verde designa uma qualidade, uma mistura de coisas uma mistura de árvore e de ar em que uma clorofila coexiste com todas as partes da folha. Verdejar, ao contrário, não é uma qualidade na coisa, mas um atributo que se diz da coisa e que não existe fora da proposição que o exprime designando a coisa.”

coisas; além disso, os atributos lógicos ideais que marcam os acontecimentos incorporais. E, do lado da proposição, há os nomes e adjetivos que *designam* o estado de coisas e, além disso, os verbos que *exprimem* os acontecimentos ou atributos lógicos. De um lado, os nomes próprios singulares, os substantivos e adjetivos gerais que marcam as medidas, as paradas e repousos, as presenças; de outro, os verbos que carregam consigo o devir e seu cotejo de acontecimentos reversíveis e cujo presente se divide ao infinito em passado e futuro. (ibid., p. 26).

É na linguagem, por meio da proposição ou pelo conjunto de proposições, que há a possibilidade de trazer à superfície as etapas intermediárias do próprio acontecimento. Através de conjunções e disjunções, é possível perpassar todo o evento e aquilo que ocorre entre um estado para outro: afinal, é assim que se constitui um acontecimento – no todo da relação, como Deleuze pontua: “cortar-ser cortado”, o que acaba de se passar e o que virá a ser. Na linguagem, o acontecimento-sentido (séries causais) é o expresso dialógico de uma conjunção real entre dois corpos ou da mudança de um corpo (situação ontológica), nela é permitido reverter o evento e pensá-lo enquanto efeito, enquanto um resultado comum: “É a linguagem que fixa os limites [...], mas é ela também que ultrapassa os limites e os restitui à equivalência infinita de um devir ilimitado [...]” (ibid., p. 2). A linguagem permite, de maneira lógica, quebrar a irreversibilidade temporal da realidade material: é por isso que Deleuze atribui aos estoicos um certo apreço ao paradoxo, que ele esboça “como meio de síntese para os acontecimentos” (ibid., p. 9) e como afirmação simultânea de sentidos contraditórios.

Portanto, a linguagem é o meio pelo qual se acessa à verdade inerente ao mundo, uma vez que ela possibilita exprimir os processos e as relações entre os corpóreos: se trata da descrição da realidade. A lógica estoica tem por objeto a verdade – identificada com o mundo corpóreo –, e por meio dos juízos, nos quais subsiste o sentido, revela-se o que é verdadeiro ou falso. Desta maneira, no confronto entre as proposições e a verdade pretende-se descobrir se há coincidência entre o sentido expresso e a observação empírica.

### **A lógica estoica e sua relação com a ética**

Ademais, para o Estoicismo, as paixões, que na tradição filosófica são objetos quase que exclusivos da ética, passam necessariamente pela lógica, pois, segundo essa escola, elas seriam somente erros de juízo.

De acordo com os filósofos da Estoá, o conhecimento tem sua origem na sensação, cuja geração independe de nós; tal sensação seria uma impressão provocada em nossos órgãos sensoriais pelos objetos externos e seria transmitida à alma para compor uma representação. No



entanto, a representação não diz respeito somente a uma impressão na alma, ela implica também um assentimento ou uma recusa de assenso pelo *lógos*: exige o consentimento racional; este é totalmente dependente de nós e é precisamente uma aceitação ou recusa crítica das representações.

Portanto, para o correto assentimento e evitar erros seria preciso compreender essas representações: e isso se daria somente pelo conhecimento e boa aplicação da lógica. Assim, agir bem dependeria necessariamente de uma correta deliberação, que exige uma constante análise e distinção das representações, além de saber a quais conceder o assentimento. Desta forma, as paixões seriam fruto unicamente da incompreensão do *lógos*. De acordo com Epicteto, a virtude desenvolve-se a partir do assentimento:

[...] Não deseja mostrar-lhe a obra da virtude para que ele aprenda onde buscar o progresso? Busca-o, infeliz aí mesmo onde está a tua tarefa. E onde ela está? No desejo e na repulsa, para que sejas infalível nos seus desejos e irrepreensível nas suas repulsas; nos impulsos e nos refreamentos, para que tu não cometas faltas; no assentimento e na suspensão de juízo, para que não sejas ludibriado. (DINUCCI, 2020, I.4. 10-11).

Isto posto, para a filosofia estoica, o assentimento à determinada representação implicará numa representação compreensiva ou cataléptica, que é o critério de verdade. A representação cataléptica garante a veracidade do juízo frente à realidade, e seu valor veritativo como representação ou juízo se constata à medida em que coincide com a verdade, que é o próprio mundo material:

Nem todas as imagens [ou representações] mentais são confiáveis, mas só as que apresentam certa evidência e podem ser reportadas à realidade. Tal imagem, quando se contempla a si mesma, é “compreensível” [ou “apreensível”]; quando se aceita e se reconhece (como real), temos a “compreensão” [ou “apreensão”], isto é, o ato de “aferrar” a realidade. (CÍCERO *apud* REALE, 2011, p. 24).

Desta forma, a representação resultante das impressões sensíveis é ela mesma dependente, bem como a compreensão das relações proposicionais de designação e significação, da compreensão do acontecimento apreendido por ela. Ou seja, há uma ligação necessária e intrínseca entre a compreensão da designação, da significação e da própria representação com o entendimento correto do acontecimento expresso. Tanto o entendimento do que é a efetuação corpórea em um estado de coisas quanto de determinado conceito requer a distinção e domínio acerca do próprio acontecimento enquanto *sentido* indiferente às efetuações particulares e de seu valor de verdade, para além da proposição e do estado de coisas,

mas que pertence à fronteira entre ambos:

Por exemplo, a percepção da morte como estado de coisa e qualidade ou o conceito de mortal como predicado de significação, permanecem extrínsecos (destituídos de sentido) se não compreendem o acontecimento de morrer como o que se efetua em um e se exprime no outro. (DELEUZE, 2003, p. 148).

Se não houvesse sentido, enquanto acontecimento impessoal e independente de efetuação física particular, haveria sempre um lapso, um vão entre a representação e o representado. A representação, com a qual o sentido não estabelece nenhuma relação de identidade e que nunca o representa, deve ser usada para envolver o sentido mesmo, sem o qual ela também seria sempre incompreensível. Como consequência da compreensão ou incompreensão, o indivíduo agiria de maneira correta ou incorreta de acordo com o assentimento que dá às diversas representações que lhe chegam à alma.

A análise lógica de uma representação que engendra uma boa ou má ação indica a tentativa estoica de manter um sistema coeso, no qual nenhuma das três áreas que o constituem deve ser subestimada ou descartada. A complementariedade e necessidade dessas três áreas se submete ao objetivo principal dessa escola: *viver segundo o lógos*. E viver desta maneira implica a compreensão da substância da qual todos os corpos são componentes, e quanto melhor a compreende, melhor se vive. E, para o Estoicismo, a lógica possui um papel fundamental e necessário nas atividades éticas, como foi esboçado acima.

### **Conclusão**

Portanto, a filosofia estoica, por meio da noção de incorporais, salvaguarda seu materialismo ao assumir somente uma insistência ou subsistência dessas entidades. A lógica do Pórtico é elaborada não a partir de uma substancialidade individualizada, mas é uma lógica das interações e dos estados dinâmicos, da passagem entre estados. Para eles é de extrema importância a percepção das dinâmicas intermediárias, que só é possível no âmbito da linguagem. No caso dos *lekta*, ao colocar o seu estudo a cargo da lógica, mais especificamente da linguagem, o Estoicismo marca a sua diferença filosófica em relação a outras escolas e redefine concepções: em relação à metafísica platônica e sua teoria das ideias, o Estoicismo rompe com a possibilidade de qualquer causalidade entre um mundo inteligível e um mundo sensível ao relegar a incorporeidade ao campo da lógica e ao afirmar que somente os corpos existem e são seres. Neste momento há uma inversão valorativa nos campos epistemológico e

ontológico: as Ideias não possuem mais o valor máximo de verdade e perdem o papel de causalidade, e os corpos assumem a função de única verdade, uma verdade *material* e não mais suprassensível, e tornam-se causas uns para outros de efeitos.

Além disso, a lógica estoica representa outra reviravolta epistemológica ao negar as causas aristotélicas, que possuíam uma relevância propriamente metafísica e ontológica, e relegar a relação de causalidade a um lugar *lógico*: a separação de causa e efeito só pode ser compreendida logicamente, em uma reversão possibilitada unicamente pela linguagem e sua relação com certa temporalidade. Temporalidade esta que sustenta que só o presente acompanha os corpos, mas também sustenta outras duas *leituras* do tempo: passado e futuro possibilitam percorrer todos os estados de uma série e cada estágio de um acontecimento.

Deste modo, o acontecimento enquanto efetuação material e efetiva ou conjunção/mistura corpórea, só se compreende ao sair do âmbito ontológico em direção ao lógico, para o âmbito do sentido. E o sentido só se compreende na linguagem, pelas proposições nas quais subsiste; essa dimensão das proposições não se confunde com a designação, manifestação e significação, mas estabelece com elas uma relação estreita, inclusive de necessidade para a apreensão mútua. O sentido, em suma, é aquilo que se diz da coisa ou de um estado de coisas individual: simplesmente um efeito da interação entre os corpos, sem se confundir com a efetuação nesses corpos, e ao mesmo tempo é aquilo que se exprime por meio das proposições, sem nunca se confundir com a expressão mesma. É o *aliquid* na fronteira entre os corpos e as proposições.

Enfim, o estudo da lógica para os estoicos revela seu papel fundamental por sua necessidade ao viver bem e segundo o *lógos*. Para esta escola, há uma ligação necessária entre a lógica, a física e a ética. Sua concepção de viver bem requer que se aja em conformidade com o *lógos*, mas para tanto é preciso compreender a natureza e conseqüentemente seus processos intrínsecos, que possuem encadeamentos causais, e tal compreensão irá implicar na adequação com o propósito do *lógos*. Para agir em conformidade com o princípio ativo governante é preciso conhecê-lo, e só assim se agirá e viverá bem. A aparente circularidade viciosa, e de fato há uma série de problemas implicados que não couberam a este artigo, nada mais é que a própria relação necessária estabelecida pelos estoicos para os campos constituintes de seu sistema.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALGRA, K. Cosmologia e Teologia. In: INWOOD, B. (org.). *Os Estoicos*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.

BRÉHIER, É. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Tradução Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fontes. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

DINUCCI, A. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentários por Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

REALE, G. A Lógica do Antigo Pórtico. In: REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo*. Tradução Marcelo Perine. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011. (História da filosofia grega e romana; v. 6).